

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

Democracia Libertária e não Burocracia Estatal

EDGAR LEUENROTH

A democracia encontra-se hoje na ordem do dia em todos os debates da vida pública brasileira. Afirma-se que sua estabilidade periga, tornando-se, portanto, necessário todos cerrarem fileiras em sua defesa. Mas, para que espécie de democracia é proclamado o povo brasileiro? Será para a democracia de concepção eleitoral, das pessoas que dela se utilizam por espírito de vaidade pessoal ou para conquista de postos de mando? Daqueles que, invocando a defesa dos interesses do povo, se locupletam com os dinheiros públicos, exercem a advocacia administrativa e se envolvem em mil negócios, almejando apenas o seu bem-estar! Para a democracia que cria e alimenta o burocratismo corruptor ou que serve de elemento de domínio de partidos sem outra finalidade que não seja o exercício de predominância na administração pública?

Não! Certamente não!

Essa é a falsa democracia que permitiu a crítica dos elementos fascistas e, aos menos avisados, a aparência justificativa da implantação do regime totalitário.

A verdadeira democracia é a que respeita sua significação histórica, a democracia irrestrita, isto é, social libertária, que reflete a aspiração instintiva do direito a uma existência livre de toda opressão política ou econômica, a democracia mercê da qual o povo em geral terá o seu quinhão de bem-estar, de paz e de alegria, hoje privilégio apenas de minoria.

A democracia a que aspiram consciências sãs e pela qual a humanidade sangrou na mais tremenda de todas as guerras, sacrificando a fina flor da mocidade, não é essa deturpação política com que vem ela sendo mascarada, no tempo e no espaço, pelos potentados que reclamam a liberdade de usar e de abusar da engrenagem legislativa e governamental movidos apenas pelo interesse dos seus corrilhos políticos.

Não! Semelhante democracia, nestas horas seus malfélicos reflexos, foi a causa do aparecimento de todos os fascismos, sob rótulos vários, mas todos com a mesma essência liberticida.

Igualmente, não pode ser considerada como expressão da democracia a ação parlamentar, que não passa de simples instrumento de prática política em regime pseudodemocrático.

A democracia que estabelece a igualdade sem conteúdo econômico é uma democracia claudicante e o direito por ela proclamado apenas em caráter político, rigorosamente analisado, é apenas um direito teórico.

A democracia deve estar no cerne da organização social do país, substanciando todos os direitos e todas as liberdades tendentes a facilitar a mais ampla expansão da vida individual e coletiva dos brasileiros.

A democracia que, por certo, há de surgir dos escombros sangrentos e fumegantes da imensa convulsão que infelicitou a humanidade, fazendo com que nos esqueçamos das torpezas deste tenebroso período, felizmente em derrocada, será uma democracia que signifique igualdade social e, pois, abolição de todos os privilégios políticos e econômicos, de todas as desigualdades sociais entre os brasileiros.

Democracia exprime liberdade não circunscrita a determinada classe,

LIBERDADE

Como ponto de partida de todas as conquistas está a liberdade. A liberdade é o problema primordial. Nem só de pão vive o homem. E mesmo para conseguir o pão precisa o homem de liberdade. Portanto: liberdade de locomoção, liberdade de cada qual escolher a própria atividade, liberdade de expansão de pensamento, isto é, de crer ou deixar de crer, de concordar ou discordar, usando de todos os meios próprios para esse fim, em todas as ocasiões e onde quer que seja; liberdade de reunião e de associação em todas as suas modalidades, liberdade, enfim, do indivíduo dar ampla expansão à sua personalidade num ambiente social de livre convivência. Logo: abolição de órgãos de exceção e de todas as leis, decretos regulamentares, portarias, etc. que estabeleçam medidas coercitivas e limitações ao exercício dessas liberdades.

partido, grupo ou indivíduo; mas, sim, liberdade ampla, sem entraves sem instrumentos, diretos ou indiretos, de compressão, de liberdade para todos, indistintamente.

Democracia quer dizer fraternidade; ora, quem diz fraternidade diz, por outra, que a vida individual e coletiva dos brasileiros deve ser organizada de tal maneira, que a felicidade de uns não confine na infelicidade dos demais. Para consecução, portanto, desse desiderato, é mister que não haja quem, gozando de regalias e privilégios, se atire até ao supérfluo, ao passo que a maioria, embora de a coletividade todas as suas energias e esforços, se vê condenada a uma existência de privações e tormentos.

Democracia, finalmente, é o regime do povo, pelo povo e para o povo, e não prerrogativa de determinadas classes ou partidos, incumbindo ao povo orientar, diretamente, seus próprios destinos, tanto na organização da produção, da distribuição e do consumo, como na administração geral do país, de forma que se proporcione toda sorte de bem-estar e liberdade a todos os brasileiros, na sociedade socialista libertária.

Essa é a democracia que está contida nas bases dos princípios anarquistas e pela qual batalhamos todos os libertários.

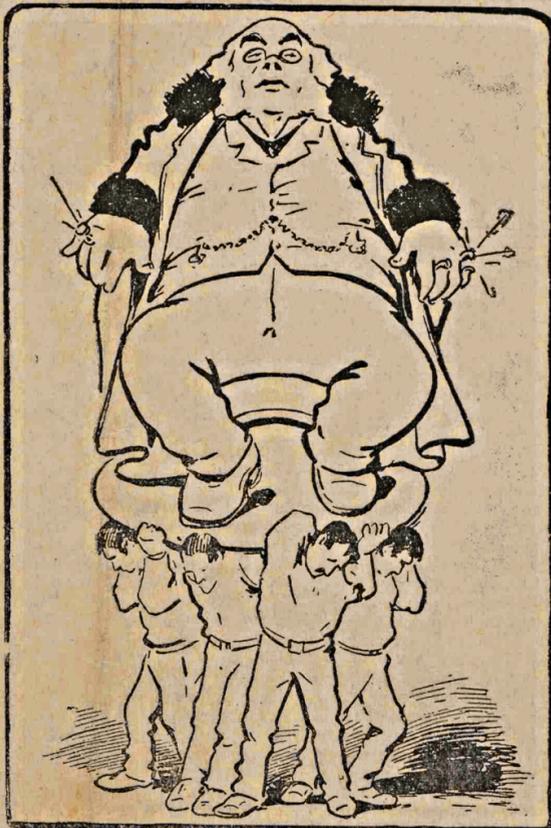
Portugal sacudido por agitações contra a ditadura

Para se avaliar a importância das manifestações populares contra a ditadura fascista de Salazar, não se pode desprezar o fato de estar o povo português sujeito a um regime policial em que a vigilância chega até ao recesso dos lares. Os agentes da PIDE empregam todos os meios para conseguir os seus objetivos, desde a delação ao suborno, da mistificação às visitas simuladas de agentes policiais transformados em mendigos, vendedores e até falsos inimigos da ditadura, com o propósito de provocar reações que possam denunciar as pessoas que anseiam por libertar-se da tirania do regime que há 40 anos se implantou no velho e heróico país cujas tradições liberais têm sido afogadas em sangue ou no desterro.

País pequeno, de fácil controle para um aparelhamento policial que está organizado nos moldes do jesuitismo, a revolta só é concebível como demonstração do desespero de um povo que não pode mais suportar o peso da canga a que foi atrelado pela força e pela mistificação. É a revolta do escravo fugindo ao cativo, preferindo morrer a continuar vivendo sem dignidade e sem pão.

Os jornais divulgam telegramas noticiando ataques a manifestantes, feridos e presos, referentes aos acontecimentos do 1.º de Maio em Lisboa, dois dias depois dos sucessos sangrentos da região mineira de Aljustrel, onde forças do exército de Salazar afogaram em sangue, depois de terem provocado uma revolta entre os trabalhadores das minas por haverem detido dois operários que faziam propaganda de descontentamento dos operários que tentaram protestar contra as prisões de seus colegas de trabalho.

Essas e outras manifestações de rebelião levadas a efeito nos últimos tempos pelo povo português nos fazem crer que realmente o regime salazarista está a cair de podre e que se aproxima para o heróico povo o fim da sua já longa jornada de opróbrio e humilhações arrastando as cadeias de uma dominação infame a desumana como sombras de legiões famintas em procissão, que a isto reduziu o regime de Salazar o velho Portugal.



É tempo de acabar com esta situação. O proletariado deve arrojarse de si o peso da exploração capitalista.

PELA PAZ MUNDIAL

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DA BRIGADA MUNDIAL DA PAZ

Vivemos em um mundo de fome — fome das necessidades mais fundamentais da vida, sede de liberdade, de justiça e dignidade humana, fome de paz e reconciliação.

Mas vivemos igualmente em um mundo maravilhosamente equipado com todos os meios para atenuar essas fomes, essas sedes. Dispomos de grandes aperfeiçoamentos técnicos, de uma consciência cada vez mais cheia de perspectiva da liberdade; e possuímos uma herança valiosa de preparo intelectual e espiritual que nos permitiria viver sem escravidão, livres da indigência e das guerras.

Em face dessa tragédia, a nossa visão encontra-se falsada por concepções caducas que nos impedem de ver o mundo dentro da realidade nuclear da nossa época. Os indivíduos, como os governos e os povos, são prisioneiros dos hábitos, das ideologias e das instituições de violência que eles mesmos criaram e desenvolveram.

O bom senso, a experiência política e os imperativos da moral social nos impelem à obrigação de romper as correntes dessa escravidão. A sobrevivência da civilização e da própria espécie dependem da nossa emancipação completa. A humanidade pode e deve encontrar uma outra solução fora das guerras e estar preparada para fazer novas experiências em seus sistemas de convivência. Esta solu-

ção, a única compatível com a dignidade humana, é a não-violência. Estamos profundamente convencidos de que esta solução constitui o único método capaz de levar o mundo a libertar-se e dispor os espíritos e as energias disponíveis da ciência e da técnica para a tarefa das realizações criadoras.

A compreensão mundial deve substituir as instituições guerreiras.

A liberdade e a igualdade podem e devem substituir o colonialismo, bem como outras espécies de tirania.

A dignidade humana deve substituir a degradação e a destruição do homem.

A não-violência abre caminho para estes objetivos. Nós estamos dispostos a dedicar os nossos esforços à aplicação destes métodos, convencidos de que isso exige um grande domínio no campo do pensamento. Convocamos os companheiros de todos os países para que se unam a nós nesta audaciosa empresa em prol da paz e contra todas as guerras.

MOVIMENTO PACIFISTA

Tomou existência orgânica, entrando-se num movimento de atividade associativa o Movimento Pacifista Brasileiro, que, há algum tempo, vinha sendo desenvolvido entre nós.

São os seguintes os seus objetivos:

- 1) Lutar pela preservação da paz entre os povos;
- 2) Lutar pela preservação da paz na sociedade;
- 3) Lutar pela preservação da paz no indivíduo;
- 4) Lutar pela adoção geral e irrestrita do princípio ético da não-violência, para dirimir conflitos humanos e sociais de qualquer espécie ou natureza.

Foi providenciada sua existência legal, como o prova a publicação feita no "Diário Oficial" da Guanabara de 31 de janeiro p.p.

As pessoas interessadas no assunto poderão dirigir-se, por carta, ao seguinte endereço: Movimento Pacifista Brasileiro, Caixa Postal, 62 — Lapa, Rio de Janeiro — GB.

SOCIALISMO SEM DITADURA

A ditadura está em contradição com o socialismo. Por isso, o socialismo não poderá ser estabelecido através da ditadura — de partido, de corporações ou de classe.

Substituir a ditadura capitalista por outra ditadura, embora em nome do socialismo, seria fazer perdurar a tirania com outro rótulo.

Socialismo é expressão de liberdade; portanto, socialismo sem liberdade não é socialismo.

A Espanha Libertária Lança-se à Luta

ENFRENTANDO A TIRANIA FASCISTA, AS GREVES IRROMPEM POR TODA A IBÉRIA, AGITANDO-SE TAMBÉM OS ESTUDANTES

As forças reacionárias a serviço da ditadura franquista, na Espanha, já se tornaram impotentes para conter a onda de protestos e anseios de libertação do povo espanhol, que de todas as partes da península ibérica se levantam com o propósito de reconquistar a liberdade sufocada em sangue na memorável epopéia da Revolução Espanhola de 1936 a 1939.

Nem mesmo o estado de sítio, recurso infame de que lançam mão todas as tiranias para justificarem o emprêgo da força na repressão aos anseios de liberdade, consegue sufocar as greves e manifestações de solidariedade dos estudantes, que se vêm verificando na Espanha franquista, onde os operários em greve resistem à violência para não voltar ao trabalho, tendo muitos deles de afrontar todos os riscos para fazer valer os seus direitos. Mais de 80.000 operários e muitas dezenas de estudantes se mantêm em greve até o momento em que redigimos esta nota, tornando-se de extraordinária importância os acontecimentos verificados em Bilbao, Barcelona, e na província de Guipuzcoa, onde a semente lançada e adubada com sangue de anarquistas está produzindo os frutos esperados na luta pela liberdade.

A leitura dos jornais diários espanhóis claramente o que se passa na Espanha, apesar do estado de sítio e da férrea censura aplicada a todas as fontes de informação, para manter o mundo na ignorância dos sucessos que ali se desenrolam, cuja repercussão em todo mundo não foi possível evitar.

A situação já deve ser muito séria, pois o reacionaríssimo clero espanhol, percebendo os riscos a que irá ficar exposto o seu domínio, usando de sua secular habilidade e sacando para o futuro, fez um pronunciamento em favor dos trabalhadores.

Aproxima-se um novo raiar da aurora da liberdade para a Espanha libertária!

A data mais feliz da minha vida seria aquela em que me dessem a notícia de que os povos civilizados festejassem a sua confraternização queimando os seus arsenais.

GENERAL OSORIO

LUMINOSA ANARQUIA

Para mim, o poder político não é um fim, mas um meio de capacitar o povo para melhorar sua condição em todos os momentos da vida. Poder político significa capacidade para regular a vida nacional por meio de seus representantes nacionais. Se a vida nacional chega a ser tão perfeita como para ser autogovernada, toda representação se torna desnecessária. Há então um estado de clara anarquia. Em tal Estado cada qual governante de si mesmo. Ele mesmo se rege de tal maneira que nunca se torna obstáculo para o seu vizinho. Neste estado ideal, por conseguinte, não há poder político porque não há Estado.

Mahatma Gandhi

Bibliografia Libertária

Com a nova Editora Mundo Livre, recentemente fundada no Rio de Janeiro, conta agora o movimento libertário do Brasil com duas editoras. Editora Mundo Livre, Caixa Postal n.º 1 (Agência da Lapa), Rio de Janeiro, e Guilde de Estudos Sociais, em São Paulo, Caixa Postal 5739, além da Editora Germinal, com sede no Rio de Janeiro (Av. 13 de Maio, 235, sala 923, Caixa Postal n.º 142), que se especializou na edição de obras libertárias.

"SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL" — Trabalho de Erico Malatesta, editado em brochura com 36 páginas, muito bem cuidado na sua apresentação gráfica, em cuja leitura os estudiosos das questões sociais encontrarão resposta à inquietante pergunta: "Como organizar a vida social sem Estado?"

Nesta obra, o inescusável Malatesta, na linguagem clara que se nota em todos os seus trabalhos doutrinários, faz uma síntese magnífica da crítica ao Estado e a todas as instituições autoritárias, contrapondo-lhe a solução anarquista sem Estado para um novo sistema de convivência humana, baseado na solidariedade e no mútuo acordo, na liberdade e na justiça social para todos.

É uma edição da Guilde de Estudos Sociais, que se encontra à venda ao preço de Cr\$ 40,00. Os pedidos podem ser feitos pelo sistema de reembolso postal, para a Caixa Postal n.º 5739 — São Paulo.

"RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA" — Um livro com farta documentação fotográfica, de autoria de Edgar Rodrigues, edição da Editora Mundo Livre. Trata-se de um documento muito oportuno sobre as atrocidades cometidas no regime salazarista, do qual o autor é refugiado político. No combate à ditadura que se implantou em Portugal e amordaça todas as aspirações de liberdade do povo português, torna-se o livro de Edgar Rodrigues preciosa arma pelos aspectos verídicos contidos em suas páginas sobre o que se passa e se tem passado naquele país onde ninguém pode contar com o dia de amanhã, pois o regime ditatorial reduz ao silêncio e à impotência todos aqueles que ousam manifestar a sua vontade de viver como seres humanos.

Este livro encontra-se à venda nas livrarias e pode ser também adquirido pelo reembolso postal. Editora Mundo Livre, Caixa Postal n.º 1 — Agência da Lapa, Rio de Janeiro. O seu preço é de Cr\$ 380,00.

Os economistas burgueses se lamentam que exista excesso de produção e falam de armazéns abarrotados, esquecendo-se que os trabalhadores carecem de tudo. Em realidade não há excesso de produção, porém limitação de consumo. — DOMELA NILUWENHUIS.

PROBLEMAS DOUTRINARIOS

O TODO E A PARTE NO ANARQUISMO

A. E. LYZENKO

As sínteses são obras de alta relevância. A civilização atual é carente de síntese e extraordinariamente analítica ou especializada. O excesso analítico, sem o sentido de coesão, sem o sentido de síntese, produz um desregramento, uma desintegração altamente perigosa para o espírito humano, que não pode chegar a conclusões maiores dos fatos e das coisas, que, no seu todo, no seu conjunto, como individualidades ou entidades inapreciáveis.

O imediatismo, o simplismo, o superficialismo, o especifismo isolacionista e o egocentrismo feroz e devorador da atualidade aniquilam e destroem o sentido filosófico de unidade da vida, produzindo mostrenços de civilizações, como é esta, chamada de civilização cristã, e aquela, pretendida pelos bolchevistas.

Na sociedade atual, o aspecto material e científico atingiram as culminâncias; todavia, não foram devidamente escorados pelos aspectos espiritual e moral de natureza humanística, que ainda vivem num primitivismo alucinante. São civilizações em que não existe o devido equilíbrio entre o moral e o científico, entre o espiritual e o material. Simbolicamente, poderíamos dizer que são entes cujos cérebros e músculos cresceram assombrosamente, enquanto o coração, a sensibilidade e a emotividade se atrofiaram. São monstros morais; são mostrenços espirituais e consequentemente são também objetivos e fenomenologicamente dentro das estruturas proporcionais ao poderio e material contemporâneo. Daí, vê-se que, de fato, as religiões não são feitas para melhorar os homens, mas sim para escravizá-los aos interesses de uma classe dominante.

Vemos, neste aspecto da nossa civilização, a carência extraordinária de síntese, e consequentemente, uma exagerada análise das coisas, confundindo-se a parte com o todo. Este acréscimo é de natureza tipicamente analítica!... O crescimento científico e o moral deveriam ser concomitantes, pois, como os demais aspectos humano-sociais, são indivisíveis.

O ar, a terra e o mar também são indivisíveis. O simples fato de os homens colocarem marcos sobre a terra não a fraciona em si mesma, pois ela constitui um todo indivisível. Por outro lado, o homem é um só; o fato de ele ser classificado como preto, branco, amarelo, bom, mau, rico, pobre, fascista, comunista, anarquista é mero tema de adjectivação. Evidentemente, aqueles que não admitem que o homem seja um só, formando diferenças ou classificações, funcionam como autênticas células sociais cancerosas que aparecem devido a alguma anomalia patológica do organismo. Entre estes tipos de células cancerosas, poderíamos incluir os bolchevistas, os fascistas e todos os inimigos da liberdade.

As "águas territoriais", os "espaços aéreos" e os "territórios nacionais" são aberrações; são divisões do indivisível; são situações artificiais que se mantêm devido a uma série de engenhosos artifícios.

Esses "territórios nacionais" com os seus outros dois elementos consequentes são "núcleos de exploração humano-social.

A humanidade é um ser plural, composta por todos os seres humanos, do mesmo modo que o Homem é um ser pluri-celular. Ambos são indivisíveis como entidades.

Já definiram a célula como a "unidade anatômica, fisiologicamente autônoma. Do mesmo modo a economia vital de cada célula humana está indivisivelmente ligada à economia vital do organismo humano, também os problemas humanos estão ligados aos problemas sociais. Dividir a Humanidade é tornar as suas células cancerosas e é exatamente isso o que está acontecendo agora.

Este conceito de unicidade, de individualidade dos problemas humanos e sociais, vem dia a dia se firmando maravilhosamente. Notáveis psicólogos fazem constantes referências ao "inconsciente coletivo", como uma individualidade própria, como sendo o "inconsciente da Humanidade". Este conceito de individualidade, como vimos acima, atraiu não só o objetivo, como também o subjetivo, tornando-se cada vez mais amplo e mais perfeito.

Este conceito de unicidade humano-social é muito belo e explica bem o alto espírito da filosofia anarquista e a prática do Comunismo Libertário, onde a LIBERDADE DO INDIVÍDUO É DIRETAMENTE PROPORCIONAL À LIBERDADE DA SOCIEDADE.

Já não acontece isso com a sociedade bolchevista, onde a "liberdade do indivíduo é inversamente proporcional à liberdade da sociedade". Tudo é feito para o "coletividade", para o "povo" ou seu equivalente, mas nada é feito para o "indivíduo". Personificando esta "coletividade", há uma classe dominante soviética que explora o povo.

É importante frizar que a idéia do "nosso" (síntese) e a de "cada um", seria uma conceituação muito vaga e perigosa, como está acontecendo agora na Rússia bolchevista.

No regime bolchevista, confunde-se maliciosamente o "todo" (coletividade) com a "parte" (o homem); portanto, na Rússia bolchevista, a "síntese" (o coletivo) prescinde da "análise" (o individual), na conceituação objetiva das coisas e dos fatos humano-sociais. Ali, o capitalismo é sintético ou estatal.

Na sociedade burguesa, dá-se o contrário; confunde-se a "análise" (o indivíduo) com a "síntese" (a coletividade). Aqui, portanto, a análise prescinde da síntese, o que é outra aberração. Aqui, o capitalismo analítico ou individual. Neste tipo de sociedade, "a liberdade do indivíduo independe da liberdade social".

Embora não pareça, o "todo" e a "parte" são indivisíveis, como integrantes de uma mesma entidade. Neste caso, um não pode ser concebido sem o outro. Dentro deste critério é que o anarquismo encara os problemas humanos e sociais.

Nacionalismo e Anarquismo

SOUZA PASSOS

A fixação geográfica do homem afirma, indubitavelmente, a consciência da sua personalidade. E o conjunto de sensações que animam a sua existência dentro da posição geográfica que o rodeia é que determinam o seu amor à pátria, isto é, a manifestação desse sentimento que o faz em todas as coisas um pouco de si mesmo.

Admite-se e justifica-se o apêgo que todo indivíduo tem ao seu torrão natal, seja este a humilde aldeia perdida nos confins de uma província, a vila ou a cidade de uma comarca ou as grandes metrópoles de qualquer

país do mundo. O fato de o indivíduo nascer, passar a sua infância, criar-se em determinado ambiente ligado aos antepassados por recordações locais, sofrer ou gozar ao contacto de coisas e objetos que lhes são familiares, amar e ser amado, tudo isto concorrer para que se afeição ao lugar de nascimento, que o ame e respeite!

É natural também que os seus sentimentos de bem querer se alarguem na medida das proximidades do lugar onde nasceu, abrangendo, primeiro, a casa depois a rua, a seguir toda a localidade até atingir as povoações vizinhas que vai conhecendo ou das quais ouve falar, e nessa expansão de recordações chegue a abranger todo o país e os países que lhe ficam próximos. Como a sua capacidade de querer é ilimitada, chega mesmo a alcançar, num grande abraço fraternal, toda a humanidade.

Quer dizer: o indivíduo ama, primeiro, a casa onde nasceu; depois, a rua onde a casa fica localizada; a seguir, numa expansão de sentimentos afetivos que estão ligados a recordações e lembranças de fatos vividos e episódios em que tomou parte, abrange com seu carinho a localidade, o distrito, o município, o Estado ou a Província e, por fim, o país do qual fazem parte estes elementos que se ligam à sua emotividade na mesma ordem de impressões.

Por esse processo afetivo extravaza o seu amor por todos os países através das fronteiras geográficas, de acordo com as sensações que lhes vão sendo proporcionadas ligadas a cada povo: a leitura de um livro que o impressionou mais profundamente, a vista de um quadro célebre, a execução de melodias típicas da música popular que caracteriza psicologicamente as tradições dos povos que à possuem realidade étnica e costumes definidos.

Obedecendo, primeiro, aos ditames da própria raça, depois, aos das raças de que descendem outros indivíduos da mesma espécie, o homem vai formando um grande círculo de afeições que se apegam a tudo o que o cerca: animais, objetos, um mundo vasto de simbolismo em que palpitam emoções que o fazem cantar ou chorar, sentir e viver motivos de arte e poesia. Este é o sentimento de patrio-

tismo que os anarquistas compreendem e respeitam.

Se partirmos do princípio de que todos os homens, nas respectivas pátrias, têm o mesmo conceito elevado do amor às coisas que formam o conjunto de suas recordações, chegaremos à conclusão de que os sentimentos deles, como os nossos, merecem respeito; e se quisermos que os nossos sejam respeitados, devemos tratar com respeito as coisas que eles estimam. Estabelece-se assim um princípio de respeito mútuo que, aliado a outras facultades do apoio mútuo e da solidariedade, formam as bases do internacionalismo na convivência humana. Todas as instituições do solidarismo internacional se fundamentam nesse princípio de amor ao próximo ou da mútua utilidade.

Mesmo na sociedade capitalista, que possui todos os defeitos capazes de desenvolver no homem apenas as qualidades negativas, vemos surgir, e funcionam prestando relevantes serviços à humanidade, desprezando fronteiras geográficas, políticas ou sociais, vários organismos de caráter solidarista com atuação internacional: o Exército de Salvação, a Cruz Vermelha, radioamadorismo, associações científicas com objetivos diversos, agências jornalísticas, empresas de turismo, Lyon's Clubs, rotarismo, e mais uma infinidade de organizações culturais e religiosas.

Podese discordar do fundo ou da forma dessas organizações, mas não podemos negar que as suas atividades correspondem a uma finalidade solidarista e se exercem no sentido de apoio mútuo sem preconceitos de raça, cor ou nacionalidade, visando apenas uma concepção humana do amor universal.

Cada vez se manifesta mais sentimentalmente a ação internacionalista, em virtude das conquistas da ciência e da técnica. A aviação e a radiofonia encurtam sensivelmente as distâncias entre os povos; e as relações internacionais de intercâmbio se realizam cada vez com mais segurança e intensidade. Só os males oriundos do Estado e da organização social do capitalismo é que ainda fazem estremecer as relações internacionais, por que a corrida armamentista e a guerra fria em que se lançaram as nações que se arvoram o direito de domínio político do mundo provocam a

(Continua na 3.a pág.)

TRIBUNA DA JUVENTUDE

Teatro de Arena — Expressão de Arte Social!

YARA LEU-SOU

O que vou dizer não é novidade para ninguém; apenas que o Teatro de Arena é uma das grandes realizações dos últimos tempos no campo teatral. O que é bom deve ser repetido, deve ser propalado, fazer-se propaganda, elogiar, não daquele elogio vazio, sem expressão que se costuma fazer da nova moda de um vestido, de um sapato, de uma joia, mas um elogio construtivo que contenha em si todo significado desta realização.

Talvez devesse, ao escrever sobre teatro, sobre arte de um modo geral, desligar-me dos meus valores pelas coisas, talvez devesse procurar ser objetiva, mas isto é no campo da ciência que o homem procura fazer; mas mesmo nesta atividade a ética humana, os valores humanos estão presentes.

Sim. Não posso deixar de dizer o quanto o Teatro de Arena corresponde às minhas expectativas de jovem que tem como principais metas e ideais, como principal valor positivo — a liberdade em todo o seu mais alto grau, liberdade de expressão nas coisas e nas pessoas, liberdade para pensar, para agir, para se realizar.

Se a arte é uma realização humana, se o teatro é arte na verdadeira acepção do termo, deve ser livre de normas e de regras pré-estabelecidas, sejam normas formais ou de conteúdo.

Se, muitas vezes, na sua existência, o homem não pode gozar da sua liberdade que é a essência da própria vida, sem a qual esta não merece ser vivida, que a arte extravase numa nota musical, num poema, numa pincelada, numa frase o que não pode muitas vezes expressar através na plenitude da ação.

E eu sinto que o Teatro de Arena luta por um lugar ao sol, luta justamente para fazer com que a arte seja legitimamente uma expressão da liberdade humana.

O Teatro de Arena procura mostrar, na forma e no conteúdo de suas peças, o que o homem, se fosse livre, seria capaz de fazer, procura mostrar que não seria preciso nem pompa, nem artificialismo no pensar, no falar, no agir, assim como não é preciso tudo isto para fazer arte. O Teatro de Arena procura mostrar como basta apenas um conjunto de indivíduos dispostos a fazer algo de bom, como é a arte, para que isto seja possível. Eles mesmos dirigem, ensaiam, interpretam, comentam a peça, preparam os cenários, montam-nos, desmontam-nos, enfim, tornam-se no teatro auto-suficientes e se bastam a si mesmos. São, lá, eles mesmos, procuram transportar para o Teatro de Arena esta ânsia de liberdade que o homem sente cá fora na dos os dias, porque os personagens em potência no seu peito, mas que não morre não!

O Teatro de Arena não ignora que artistas e espectadores são seres humanos com as mesmas expectativas de comportamento, com a mesma ânsia de liberdade e são de tal forma gispostas as acomodações na casa de espetáculos, que eles participam da peça, do que ela expressa, chegam a sentir na própria carne, tanto artistas como expectadores o que os personagens da peça sentiriam se estivessem cá fora vivendo a vida de todos os dias, porque os personagens são gente como a gente que luta pela vida, por um ideal e que, no entanto, diferem de nós, que vivemos aqui fora, somente porque expressam a sua liberdade, são eles mesmos e nós somos obrigados a fechar dentro da gente esta ânsia de viver livremente.

Em "Os Fuzis da Sra. Carrar" vi presente tudo isto. Os seus personagens, um a um, mostram esta ânsia incontida de liberdade humana, esta ânsia de viver sem grilhões e sem rédeas, num vai e vem de ações e reações, seus personagens demonstram como esta liberdade jamais morre. A Sra. Carrar luta por matá-la, por fechá-la dentro do seu ser, pode se dizer, luta consigo mesma, mas eis que um acontecimento súbito, a morte de seu filho pelos que representam a força, as rédeas e os grilhões, a faz ser ela mesma e a lutar pela liberdade perdida.

Sim. "Os Fuzis da Sra. Carrar", símbolo da arte representada no Teatro de Arena, mostra como a liberdade na Espanha, como a liberdade dos homens espanhóis foi sufocada pelas rédeas e pelos grilhões dos generais. A Sra. Carrar, o Teatro de Arena mostram como esta liberdade não morre, é essência do homem, está latente, está em potência e se pode transformar em atos um dia destes.

Nota da Redação — Iniciamos esta seção com um trabalho de uma jovem estudante, esperando que sirva de estímulo a outros jovens.

O Anarquismo Proclama

Que a liberdade como meio e como fim constitui a essência das idéias anarquistas.

Que o Estado, o poder organizado da coação e repressão, apoiado na desumana premissa da incapacidade e desprezo do indivíduo, o Estado repetimos, é o primeiro obstáculo oposto à plena realização da liberdade e da justiça.

Que os conceitos de organização e administração das entidades e interesses sociais nada têm de comum com a capacidade do Estado de poder organizar e administrar.

Que o Estado é tão somente o defensor dos privilégios de classe, alheio a equidade e principal fator do desajuste social.

Que não existe organização social possível sem o implícito reconhecimento da soberania coletiva.

Que essa valorização do indivíduo tem sua transcendência lógica na autonomia de todos os núcleos sociais entre si.

Que o pacto livre e a federação voluntária condicionado pelo mútuo consentimento e pelas necessidades, devem constituir o cimento de toda organização coletiva.

Que não existe livre associação nem soberania popular se todos os movimentos não forem orientados do simples ao complexo, do indivíduo à sociedade, de baixo a cima, substituindo a arbitrariedade auto-crática pela necessidade comum, o mando discricionário pelo mandato condicionado, o poder ilimitado pela gestão definida.

Que esses nobres objetivos só podem conseguir-se procedendo-se com táticas concordes com os princípios.

Que um comportamento anarquista na ordem individual e uma prática federalista no plano orgânico, são condições para imprimir efetiva influência no meio social destinado a transformar-se.

Que todos os desvios definitivos e providenciais tendem automaticamente a desvirtuar os princípios, afastando-se das finalidades.

Que o anarquismo não cede a veleidades oportunistas sem entrar em colisão com os motivos consubstanciais de sua existência e razão de ser histórica.

Os Reajustamentos Salariais

É oportuno divulgar este trabalho apresentado pelo companheiro Edgard Leuenroth no Congresso Operário realizado em abril de 1960, no Rio de Janeiro:

Considerando que os trabalhadores não são apenas produtores, mas igualmente consumidores, sujeitos, logicamente, aos imperativos das necessidades da coletividade;

Considerando que, por isso, os seus interesses estão estreitamente ligados aos do povo de que fazem parte;

Considerando que ao movimento sindical proletário não incumbe apenas a defesa dos interesses específicos dos trabalhadores, em suas atividades profissionais, mas também, paralelamente, os das populações a que pertencem;

Conclui-se que nessas reivindicações de reajustamentos salariais foram feitas à custa do aumento dos preços das utilidades, — como está acontecendo — os trabalhadores, como membros da coletividade, também serão atingidos, ficando nulos, portanto, os aumentos conseguidos;

Conclui-se que nessas reivindicações os trabalhadores precisarão orientar a sua ação de maneira que os aumentos a conseguir sejam concedidos diretamente pelo patronato, como justa reposição de partes de salários que deixam de ser pagos e que são canalizados para a acumulação de fortunas improdutivas e afrontosas à situação de penúria do povo.

O ESPERANTO NO SEU ASPECTO SOCIAL

Com exceção apenas do tempo em que a sua sede esteve em reforma, o Centro de Cultura Social vem promovendo conferências e debates em torno dos mais variados temas da cultura científica e literária, aos sábados.

Mesmo na falta de conferencista especialmente convidado para esse fim, as sessões se realizam com a interferência espontânea dos assistentes, tomando-se determinado tema, em torno do qual se desenvolvem os debates com inteira liberdade e dos quais participam todos aqueles que têm vontade de fazê-lo.

“O Esperanto — língua internacional” foi o tema da conferência realizada no dia 12 do mês findo pelo professor Moyses Garcia Sobrinho, em continuação ao programa educativo do Centro de Cultura vem desenvolvendo. O conferencista situou o assunto dentro de uma visão ampla e objetiva, demonstrando grande conhecimento sobre a origem e finalidades dessa língua internacional, de que os anarquistas têm sido cultores entusiastas, justamente pelo aspecto social do seu internacionalismo.

Não se limitou o professor Moyses Garcia Sobrinho, em sua conferência, ao estudo da língua esperantista. Frizou principalmente o aspecto social do Esperanto como veículo de aproximação dos povos e das possibilidades de os indivíduos se entenderem com maior facilidade por sobre as fronteiras, visto o Esperanto não ter limites nas suas concepções internacionalistas, tornando-se, ipso facto, fator importante da anulação das fronteiras políticas que dividem os povos e provocam as guerras.

Achando-se presente o companheiro Roberto das Neves, um dos mais antigos cultores do Esperanto, que tem difundido no Brasil e em Portugal através de cursos e trabalhos publicados em jornais e revistas de língua esperantista, reforçou as considerações do conferencista com interessante esclarecimento.

(Continuação da 2.a pág.)

NACIONALISMO E ANARQUISMO

desconfiança e estimulam os impulsos guerreiros.

Lemos no “Dicionário e Enciclopédia Internacional” o seguinte trecho de sua definição de Pátria:

“A medida que o patriotismo se desenvolve e se aprofunda, nós tomamos uma consciência mais alta da personalidade moral da nossa pátria e do caráter respeitável da pátria dos outros. Concebemos a obrigação de tratar as nações como pessoas, de respeitar os seus direitos, ao mesmo tempo que exigimos o respeito dos nossos”.

Colocados nesse elevado conceito das relações humanas, os anarquistas são realmente os verdadeiros patriotas, por que desejam para todos os povos, de todas as pátrias, as mesmas regalias no aproveitamento dos conhecimentos humanos, o acórdio mútuo de todas as raças para a conquista da felicidade.

Proveitoso encontro de militantes Anarquistas

Fazendo-se sentir a necessidade de uma coordenação mais proveitosa das atividades do movimento libertário do Brasil, os militantes anarquistas de São Paulo e Rio de Janeiro tomaram a deliberação de se promover um encontro, em que, sem a responsabilidade e o caráter de congresso, pudessem reunir-se, em convívio de camaradagem, elementos atuantes de várias regiões do País.

A proposta foi sugerida por companheiros do Rio de Janeiro, em resposta a uma sugestão dos companheiros de São Paulo sobre as possibilidades de um encontro em que os militantes libertários pudessem passar em revista as diversas modalidades da propaganda, em face das atuais conjunturas do mundo convulsionado em busca de uma saída.

Com esse propósito, foi distribuída uma carta-circular contendo, além do convite, uma sugestão à guisa de roteiro para um programa de três dias, aproveitando-se os três feriados da segunda quinzena de Abril.

A semelhança de outros já realizados, os militantes cariocas, lembrando a cordialidade e harmonia de que se haviam revestido os encontros anteriores, dos quais todos se recordavam com saudades, acharam conveniente e oportuno que o encontro programado se realizasse nas mesmas condições.

Do roteiro constava, além das sessões destinadas ao livre debate dos assuntos ligados aos problemas sociais do momento, duas conferências: “O Anarquismo em face das conjunturas do momento atual”, pelo companheiro Edgard Leuenroth, e “A importância da psicologia no estudo dos problemas sociais”, por conhecido e competente psico-terapeuta, professor de um curso dessa matéria no Centro de Estudos José Otílica, devendo o encontro finalizar com uma sessão litero-musical em que tomariam parte, além de jovens e adultos, meninos e meninas filhos de militantes presentes à reunião.

Assim é que, durante os dias 19, 20 e 21 de abril, do corrente ano, teve lugar mais um proveitoso encontro entre militantes anarquistas do Brasil, no qual, tomando por base as análises tomadas em congressos e conferências anteriores quanto aos fundamentos do ideal libertário, se examinaram os problemas ideológicos e táticos, do movimento em relação com as condições ambientais da nossa época.

Achavam-se presentes, como delegações, aproximadamente uma centena de militantes, que ali permaneceram durante os três dias, figurando entre eles elementos de Pelotas, R. G. do Sul, Sorocaba, Santos e São Paulo, além de numerosa assistência. O alojamento e alimentação ficaram a cargo dos elementos de São Paulo, que forneceram refeições saudáveis da cozinha vegetariana e frutas variadas. Não houve, como de costume, consumo de bebidas alcoólicas de qualquer espécie.

Uma surpresa extra-programa deu a todos grande satisfação. Quando, em uma das sessões de debates, se discutia a reforma agrária, com base num trabalho publicado em o número passado de “O Libertário”, de autoria do companheiro Edgard Leuenroth, um jovem engenheiro que se achava presente, por um convite ocasional, fez uma exposição minuciosa sobre os kibutz de Israel, onde viveu desde a idade de 12 anos, e de onde saiu, apenas por conveniência de família, para o exterior. Foi muito oportuna a sua palestra, pois tratava-se justamente de assunto palpitante da organização rural sobre o ponto de vista libertário.

A impressão deixada por esse encontro pode ser avaliada na leitura da seguinte carta de um dos militantes do Rio de Janeiro, que nele tomaram parte. Foi enviada ao nosso companheiro Pedro Catallo, que, por indicação de todos, foi o coordenador das sessões e as conduziu com a habilidade e competência que lhes são peculiares:

“Ainda estou vivamente emocionado com o provei-

toso encontro de companheiros do Rio, de São Paulo e de outras cidades, durante os últimos feriados.

Foi uma demonstração de amor humano, de afeto, de compreensão e de carinho entre todos nós. Por incrível que pareça, eu me senti muito mais feliz ali do que na minha própria casa e creio que não terei dúvidas em viver normalmente numa próxima comuna libertária que se estabeleça, bem organizadamente, no Brasil.

Não é fácil organizar uma comuna, mas também não é difícil. Eu me incumbiria dos serviços de minha especialização, a serviço dos membros da comuna; o I, que é médico, trataria da saúde somática e psico-somática de seus membros; o nosso amigo professor, se fosse conosco, daria aulas; independentemente disso, nós faríamos todos e quaisquer serviços existentes na comuna, desde a coleta de lixo e limpeza dos sanitários até a administração geral da comuna. Não temos preconceitos”

Estranhei um pouco a comida e o frio, mas a minha alegria foi tanta em estar entre vocês, que esse detalhe não tem a menor importância. Não perderei uma oportunidade sequer de voltar a esse ambiente. De voltar ao Centro de Cultura Social e de voltar a São Paulo”.

Constitui nota de comentários jocosos o fato da destituição do companheiro Edgard da promazia de veterano libertário, pois, com os seus 80 anos, teve de ceder o “pósto” a um companheiro que, carregando 88 trabalhos primaveras, vou desde seus pagos sulinos, em Pelotas, para participar, cheio de vivacidade, do proveitoso encontro.

Além da amigável e produtora troca de impressões durante os três dias do encontro (em sessões diurnas e noturnas), foram examinadas as iniciativas em andamento no movimento libertário, sugerindo-se e assentando-se medidas práticas no sentido de melhor se desenvolverem suas atividades.

Atendendo às exigências do movimento operário, salientou-se a necessidade dos libertários que, como profissionais, atuam nas organizações proletárias, intensificarem sua atividade no sentido de estimularem os trabalhadores a dar às suas lutas o verdadeiro caráter de reivindicações sociais, esforçando-se para libertar os meios proletários da intervenção da política partidária e da dominação dos pelégs exploradores da sua boa fé

Também foi veiculada a necessidade de se corresponder às solicitações do ambiente estudantil com uma mais intensa cooperação libertária.

Foram estudadas as bases da Editora Mundo Livre, estimulando-se os militantes a lhe prestarem a sua cooperação para que possa intensificar as suas atividades editoriais.

Examinando-se a situação do órgão do movimento — “O Libertário”, lançou-se à iniciativa de, além da Comissão de Imprensa, de São Paulo, a quem está confiada a publicação do jornal, criar-se uma comissão auxiliar no Rio de Janeiro, com a cooperação de representantes em todo País, trabalhando pela sua difusão por meio de assinaturas e venda avulsa, e para a arrecadação de contribuições destinadas às despesas de impressão.

Sugeriram-se, ainda iniciativas para a intensificação das atividades culturais, por meio de conferências etc., e de reuniões familiares litero-recreativas.

Resultou, enfim, uma boa iniciativa de convívio libertário, proporcionando a oportunidade para a intensificação de velhas amizades e promoção de novas, proveitosas para as relações humanas e de grande proveito para a obra do nosso movimento.

Com uma lindíssima tarde e a participação de numerosas famílias que ali compareceram para o ato de encerramento, deu-se fim ao encontro numa reunião festiva de salão, bastante animada, com recitativos, cânticos e jogos recreativos, e jogos esportivos ao ar livre.

FABRICA DE MENTIRAS

PEDRO CATALLO

dor do socialismo, o sábio condutor, infalível como o Papa!...

Surdos, sempre surdos aos clamores revolucionários dos anarquistas, que continuavam a reclamar a liberdade para o povo russo, os teleguiados partidários da “linha justa” renovavam e redobravam a prática das calúnias e dos insultos. Um dia, porém, a fábrica de mentiras havia de estourar. E estourou. O seu criador morreu. Morreu Stalin. Sua sombra tenebrosa, que causava espanto e terror a todos os súditos, se desvaneceu. Uma nesga de sol cruzou célebre a vasta fortaleza do silêncio e encorajou os medrosos e pusilânimes. Dentre esses surgiu Kruchev, o titer que Stalin, para se divertir, certa ocasião fizera pular e dançar na presença de gente estranha. E como vendida, para se vingar daquele que assim o humilhara, Kruchev, através de um relatório secreto, resolveu revelar ao mundo bolchevista um pouco daquela grande verdade que os anarquistas vêm proclamando há quase cinquenta anos. Stalin já não era um gênio mas um desvairado, um monstro georgiano, autor de assassinatos, massacres, destros, perseguições e torturas, preocupado sempre em conservar e aumentar o seu poder pessoal. Traidor do socialismo, traidor do povo russo e traidor de todos os bolchevistas do mundo.

No vigésimo congresso do partido bolchevista russo, isso teve o efeito do estorço de uma bomba!

Que desolação! O deus comunista tinha os pés de barro, e também o cérebro. Ele todo era lama. E os bolchevistas do mundo inteiro metidos naquele monte de lama! Que desencanto cruel! Chegou a haver relutância, incredulidade, espanto, estupro — tão forte o impacto desse escândalo.

Oswaldo Peralva, em “O Retrato”, nos diz que Mitin, um dos dirigentes mais vinculados a Stalin, morreu de colapso naquela ocasião. Porém o fracasso bolchevista não parou aí. Um novo descalabro, que bem atesta a falência total da célebre ditadura do

“proletariado”, também foi proclamado pelo novo, irrequieto e geitoso ditador: a Rússia, país essencialmente agrícola, grandemente agrícola ricamente agrícola, acusa, neste setor, impressionante degradingolada. O camponês, desconsiderado e envilecido, não quer produzir, não pode produzir! Kruchev, alarmado, promete aumento de salários e melhores condições de vida. Mas, horrorizado com tantas mentiras que sempre esconderam os fracassos do regime bolchevista, gritou para ser ouvido: “Basta de mentiras! Basta de estatísticas falsas! Queremos a verdade!”

CONTRIBUIÇÕES PARA “O LIBERTÁRIO”

Para a cobertura das despesas exigidas para a publicação de “O Libertário”, contamos unicamente com as contribuições dos militantes e simpatizantes de nosso movimento.

Também as assinaturas constituem uma fonte de recursos. Entretanto, esse meio está dependendo do resultado da campanha para a angariação de assinantes, para o que contamos com a cooperação de todos que julgam necessária a publicação deste jornal.

“O Libertário” não angaria publicidade comercial, nem a aceita, como também não solicita, como repele, subvenções ou outras contribuições de elementos de outra banda da barricada social.

A venda avulsa, em virtude do preço exorbitante da feitura do jornal, dá prejuízo. Tenham isso em conta todos que querem que “O Libertário” viva.

Neste número iniciamos a publicação das contribuições que estamos recebendo. Todas serão publicadas. Se algum contribuinte verificar que sua contribuição não foi publicada, comunique-nos imediatamente, informando-nos em que data e por que meio foi feita a remessa.

Como a vida de “O Libertário” é um livro aberto ao exame de todos, em próximo número publicaremos a relação das entradas e das despesas.

SÃO PAULO — G.L. Cr\$ 1.200, mais 1.000; Verg., 250; Agost. So., 500; Cast. Pasc., 200; Ant. Ra., 200; Crist. Al. 1.000, mais 200; Just. Sal., 180; Ped. Cat. 1.000, mais 1.000; Em. Tes., 700; Um Companheiro, 180; J.D., 320; C.D.L., 200; Osv. Sal., 350; Avulso, 100; J.R., 100; Salv., 300; Font., 100; Fr. Ro., 180; Gom., 100; Sal. A., 300; Jo. Pe., 200; An. R. B., 100; Isa. M., 100; An. M., 200; Fr. C., 50; Mar. Mar., 50; An. C., 100; Jo. Rib., 420; An. R. B., 50; Ju. Vi., 50; Arl., 50; Fr. O., 1.200; Mar. Tr., 1.000; B.D.G., 500; Fe. Gl., 500; Jo. Nav., 500; Jos. Panz., 1.000; Ant. Gom., 100; Cec. D. Valv., 1.000; Carlos (Santos) 100; G., 200.

Nosso Correio

Para a execução dos trabalhos exigidos pela publicação de “O Libertário” não há funcionários remunerados. Tudo nele é exercido na base do mútuo apóio. As tarefas necessárias são executadas como uma contribuição ao movimento.

Por isso, as cartas endereçadas ao jornal nem sempre são respondidas com a devida presteza, embora todo esforço seja empregado no sentido de serem executadas as incumbências que delas emanarem.

Entretanto, nesta seção anteciparemos, em breves linhas, as respostas epistolares.

SANTA BÁRBARA (Paraná) — L. A. — Recebida sua carta de 30-3-62 e também o vale de 2.000 cruzeiros para “O Libertário”. Será aumentado, como pediu, o número dos exemplares a remeter. E' nosso propósito publicá-lo mensalmente. Depois... veremos, o que mais poderemos fazer, se não lhe faltar a ajuda necessária. A sua missiva causou-nos alegria, pois relembrou antigos e dedicados companheiros e até a histórica Colonia Cecilia. Saudações a todos.

RECIFE (Pernambuco) — C. L. — Recebemos sua carta de 20-4-62, contando-nos as razões pelas quais não nos pôde proporcionar o prazer de sua visita. Foi pena, pois nos privou de seu convívio e foi perdida a oportunidade de travar relações com grande número de companheiros. Isso, em uma próxima oportunidade entretanto, havemos de conseguir. Envie-nos endereços de pessoas que possam receber nosso jornal. Seria ótimo se conseguisse um ponto de venda aí. Mande-nos notas sobre fatos dessa parte do Brasil. Escreva-nos. Saúde!

PORTO ALEGRE (R. G. do Sul) — Companheiros — Mande-nos endereços de pessoas que possam receber o jornal. Consigam pontos de venda. Saúde a todos.

PELOTAS (R. G. do Sul) — S. V. — Terá, certamente, feito boa viagem de regresso. Inesquecível a lembrança que deixou em nós todos. Mande-nos endereços daí. Saudações aos companheiros. Foi dado destino à sua contribuição de 5.000 cruzeiros, de acordo com o seu desejo. Abraços a todos.

RIO DE JANEIRO — Lizenko — Recebidas suas cartas dirigidas ao Pedro, Edgard, Germ., lidas e comentadas em reuniões. Sua personalidade deixou aqui grata impressão. Contamos com a cooperação daí para a difusão do jornal. Haja vagar para a nossa troca de idéias... Saudações a todos. Um grande abraço.

CAMPINAS (São Paulo) — A. P. — Em mãos sua carta recebida há dias, acompanhando cheque de 500 cruzeiros. Certas suas apreciações relativas ao 1.º de Maio. Aguardamos ansiosos sua visita, para podermos trocar impressões sobre tudo que nos interessa. Compreendemos certos estados de ânimo, mas também achamos acertado o conceito de que os óbices surgem para serem vencidos e que os lampejos de otimismo do ideal acabam por vencer os nevoeiros que, às vezes, toldam a nossa visão da realidade. Saúde!

SOROCABA (São Paulo) — J. P. G. — O Souza Passos está aguardando a remessa do “Depois do Baile”, que ficou de lhe mandar, para referências a um trabalho que está escrevendo. Escreva. Saúde.

TOTAL Cr\$ 16.930,00
RIO DE JANEIRO — Lyzenko, 500; G. Bot., Id., Fer., Est., Cor., Diam., Mat., Gust., Gonç., 500 cruzeiros cada.
TOTAL do Rio de Janeiro 5.500,00
PELOTAS (R.G. do Sul) — S. V. 5.000,00
SANTA BÁRBARA (Paraná) A. Agot., 2.000,00
CONTRIBUIÇÕES DIVERSAS — Festa da Primavera, 5.000; no Piquenique de “O Libertário”, 450; Venda de livros e jornais, 2.200.
TOTAL 7.650,00
TOTAL GERAL 37.080,00 (Trinta e sete mil e oitenta cruzeiros)



Li, no "O Estado de S. Paulo" de 14-3-62 um artigo do sr. Gustavo Corção no qual o articulista, começando por referir-se a uma carta enviada por João XXIII a todos os hierarcas da Igreja Católica da América Latina, afirma "que as preocupações do Papa sobre a infiltração de ideologias funestas na América Latina, são mais parecidas com meus (dê) pobres artigos, e com minhas próprias preocupações, do que as andanças e discursos de muitos líderes que se dizem católicos, o que se dizem progressistas, nacionalistas e até comunistas".

Mas o que são ideologias funestas? Sob o ponto de vista político, por exemplo, para o sr. Corção, apesar de católico, o fascismo, que, — honra lhe seja feita — ele tão brilhantemente tem combatido, é uma ideologia funesta; para o Papa, porém, não é, nem na América Latina nem em qualquer outra parte. Pelo contrário, o papado sempre tem apoiado o fascismo em todas as partes que esta funesta ideologia, se ideologia se pode dizer, tem surgido. E' que, se para a humanidade o fascismo tem sido extremamente funesto, para a Igreja Católica tem sido largamente benéfico.

Aliás, desde que o poder temporal saiu-se ao espiritual, desde que, no IV século, o funesto Constantino e a Igreja, funestamente se aliaram, esta nunca mais deixou, daquele tempo até hoje, é claro, quando estes, muitas vezes pela força, isto é, mediante forças com forças, se opunham às suas desmedidas ambições. E o sr. Corção deve estar ao par destas coisas.

Quando ao comunismo, isto é, ao regime imperante na Rússia, na China etc., e que se diz inspirado em uma ideologia e que, de certo modo, talvez o seja, inconscientemente é um regime funesto. Mas seria o último a cair das nuvens se um dia surgisse, entre o Cremlin por ser o líder do "comunismo" internacional e o Vaticano, uma Concordata que viesse a restaurar e preservar os bens deste, ou, pelo menos, não sequestrar os que em determinados lugares ainda restam e, ao mesmo tempo, sustar-se a propaganda antireligiosa. Então até poderia vir uma palavra de ordem, implícita, disfarçada, a fim de não se continuar a pintar o Diabo do "comunismo" tão feio quanto parece, ainda que tal regime continuasse a escravizar os povos que lhe estão submetidos.

Em uma passagem que o sr. Corção colheu no "Diário de Notícias", o Papa afirma, referindo-se, evidentemente, à América Latina, que a situação é grave e que medidas urgentes devem ser tomadas porque nas terras onde outrora florescia a vida cristã, hoje se dá combate a Deus e à sua Igreja (como se vê, Deus é católico...) com temerária audácia e aparecem forças que, com amplitude cada vez maior, difundem errôneos conceitos.

Estará o atual Papa ao par de como verdadeiramente outrora florescera a vida cristã na América Latina? Talvez não. Mas o sr. Gustavo Corção, quer como professor, quer como intelectual e ainda gozando, como goza, pelo menos entre os seus incondicionais admiradores, da fama de possuir ampla cultura, deve saber. Vejamos, por exemplo, a propósito do assunto em questão, e apenas como um pequeno pano de amostra, as seguintes palavras do probo e grande historiador Fernando Garrido (Historia de las Clases Trabajadoras. Prim. Part. pag. 76):

"O descobrimento e conquista da América pelos espanhóis contribuiu para estender a praga da escravidão de um ao outro extremo do novo mundo, convertendo em escravos, primeiro a muitos milhões de homens livres das raças escravizadas e tratadas com desumanidade perderam sua vitalidade e se extinguiram, milhões de negros foram comprados na África para substituir na América nos mais penosos trabalhos as extenuadas raças indígenas. Desta maneira, durante, aproximadamente, quatro séculos, este tráfico de carne humana levou centenas de milhões de negros a trabalhar nas minas e nos engenhos como animais, em proveito da aristocracia cristã, quer civil quer eclesástica, que reproduziram no novo mundo uma organização econômica e social muito mais parecida à da antiga Roma que à das nações da Europa moderna.

Os conquistadores espanhóis na América, acompanhados por padres, frades e inquisidores, levavam, como pretexto, a conversão dos pobres índios à religião católica e por todas as partes levantaram igrejas, conventos e cruzeiros; porém, esta máscara não iludiu a ninguém.

Por uma parte os cristãos elevavam soberbos templos nos quais os índios eram obrigados a adorar a Deus e aos seus santos; por outra, ao pé mesmo dos altares, devorados pela cobiça, obrigaram os índios a abrir poços profundos para penetrar nas entranhas e arrancar os metais preciosos, depois, pelo suposto, de haverem roubado dos índios o que estes possuíam.

A força de trabalho faziam-nos

morrer extenuados de miséria e de cansaço; porém o que importava isto?

Não havia mais de vinte milhões de índios para ir substituindo aos que morriam? Além do mais, ali estava um clero disposto a perdoar: tão insignificantes pecados, a dar absolvições em trêco de rios donativos, de gordas rendas, de fundações piedosas de lâmpadas de ouro e virgens de prata maciça.

Segundo Colombo e os espanhóis mais inteligentes que foram com ele, e outras pessoas que foram posteriormente, São Domingo, Cuba, Jamaica, Porto Rico e demais ilhas do golfo mexicano, estavam povoadas por 15 ou 16 milhões de índios, geralmente pacíficos. Depois de se haverem passado apenas duzentos anos, não existiam mais nem vestígios daquela população indígena. E depois de matá-los à força de trabalho, serviam-se dos seus cadáveres para alimento dos cães. Em França conservase, como um documento autêntico, uma carta escrita por um colono da parte francesa a outro da parte espanhola, em São Domingo, dizendo-lhe: "Manda-me um quarto de índio para desjejuar os meus cães, que amanhã te mandarei outro".

Foi assim que outrora se deu início ao florescimento da vida cristã na América Latina. E Deus mostrou-se completamente indiferente por tão abominável florescimento.

Assim sendo, aqui estamos no ponto ao qual o Papa alude: direta ou indiretamente, explícita ou implícita, não importa, combatendo a Deus e à sua Igreja.

"A seguir — segue também o sr. Corção — o Vigário de Cristo exorta o Episcopado da América Latina a "não economizar esforços na missão de defender a Fé contra a traição, que contra a razão? — de promover e auspiciar a Ação Católica, e favorecer o florescimento da justiça, do amor e da paz nas esferas civis, sociais e econômicas.

E' curioso que a exortação do Papa venha precisamente na altura em que os norte-americanos já estão dispostos a desembolsar os dólares destinados à "Aliança para o Progresso". Simples coincidência? Não sei, não. Bem, eu não estou fazendo insinuação alguma. Mas é negável que a Igreja conheça muitas maneiras de matar pulgas...

Relendo o artigo do sr. Corção, cujo conteúdo, em parte, já se me havia passado da memória, deparo com algumas palavras que, de certo modo, corroboram o que acima acabo de dizer.

Diz o ilustre escritor católico lido em FIDES que "a América Latina conta apenas com um sacerdote para 5.000 fiéis" e que "da Suíça, da Espanha, da Itália, dos Estados Unidos e do Canadá, vêm missionários para esta enorme região" etc., do que ele conclui "que há no mundo uma promissora solicitude pela América Latina, tanto no que se refere ao pão natural e humano como o que se refere ao pão divino". E para melhor concluir, acrescenta "que um vento favorável prepara sacerdotes, filósofos, teólogos, e milhões de dólares (sic) para melhorar a situação material e espiritual da América Latina".

A América Latina, católica, apostólica e analfabeta, conta apenas com um sacerdote para cada, é intuitivo 5.000 fiéis (note-se, que ele diz fiéis e não habitantes; mas se são fiéis no duro, por que se não é no duro não se pode contá-los como fiéis, para que mais sacerdotes? E por que só agora, mediante o aceno dos dólares, a Igreja se lembrou de exportar, em larga escala, o "pão divino" para a América Latina?

E até filósofos (que espécie de filósofos serão esses?) não resistirão ao referido aceno dos dólares, e aí vem de cambulhada, colaborando no transporte do "pão divino" para os fiéis desta já tão desditada América Latina. E quem nos diz isso, todo cheio de esperanças? O sr. Gustavo Corção — obstinado inimigo do materialismo, de todos os aspectos do materialismo, inclusive do chamado materialismo econômico.

Além da desnutrição de pão natural, a América Latina está desnutrida, não de "pão divino", mas sim de pão intelectual, do que muito carece. Por isso mesmo, infelizmente, tem sido, e por não sei quanto tempo ainda continuará a ser, um campo fértil, não só para a demagogia política, como também para a demagogia religiosa. De sorte que, agora, com o estímulo dos dólares, será um Deus nos acuda com a finalidade de cansa-

MOVIMENTO OPERÁRIO

NECESSIDADE DE UMA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS TRABALHADORES EM SEUS SINDICATOS

TRABALHADOR: seja qual for a tua profissão, procura o teu sindicato e contribui para que ele seja o órgão ativo, efetivo e permanente da defesa dos teus direitos. Não te conformes em ser apenas mais uma pessoa a ser atendida nos guichês de uma instituição burocrática, apática e indiferente à grande missão que incumbe aos sindicatos. Faz de tua agremiação profissional a universidade onde poderás aprender, estudar e debater, todos os problemas intimamente ligados à tua condição de proletário e que nunca te foram revelados pela escola oficial e muito menos pelo Estado. Exige da diretoria assembléias gerais, conferências e aulas educati-

vas, procura elevar-te cada vez mais, moral e intelectualmente, participando ativamente de todos os debates sindicais.

O sindicato livre, com finalidades emancipadoras, será a nova força que há de decidir os destinos do mundo; e dêle também depende o futuro de teus filhos. Um operário consciente é sempre uma unidade ativa na conquista de melhores condições de vida.

Lembra-te de que os teus interesses estão estreitamente ligados aos da população de que fazes parte e que, portanto, tuas reivindicações não a devem prejudicar, porque, ao contrário, também te prejudicará.

Ainda este ano houve mistificação na comemoração do 1.º de Maio

A partir do início da primeira década do século, quando o movimento proletário brasileiro começou a receber a orientação de luta social pela atividade dos militantes libertários, o 1.º de Maio passou a ser comemorado no Brasil de acordo com o seu verdadeiro significado — de manifestação de protesto contra a tirania do regime capitalista e de afirmação de propósitos de lutas reivindicadoras.

E, desde então, continuou a data a ser assim lembrada, até que a ditadura governamental passou a dominar o País e se assenhorear do movimento operário para submetê-lo a ação desvirtuadora da burocracia política do Ministério do Trabalho.

Assim, durante todo o período do sindicalismo livre e reivindicador, o proletariado brasileiro comemorou o 1.º de Maio com seu caráter de luta social, paralisando o trabalho por sua direta vontade e não por efeito de feriado festivo, promovendo grandes comícios e importantes passeatas — isso quando a reação era menos feroz.

lizar dinheiro para os cofres de São Pedro que afinal de contas são sacos sem fundo.

Dei início a estas apressadas linhas para mostrar, desde logo, que não há assim tanta afinidade entre as preocupações do Papa, a propósito de ideologias, e os artigos do sr. Corção, posto que, tenho lido bastantes desses artigos.

Não sei se de algum modo o conseqüei; mas, já agora, isso é o que menos importa.

Detenho-me um pouco para pensar na melhor maneira de terminar este artigo e, ao mesmo tempo, pondo-me a folhear "El Clericalismo en America", de Belén de Sarraga, deparo com um capítulo que tem o título seguinte: "Influência sobre el Profesorado".

Nesse capítulo a autora relata o que observou, em um inquérito feito em alguns países da América Latina, a propósito das intrigas do clero, para perseguir, mesmo dentro do Ensino Público, a parte do professorado que não rezava pela sua cartilha, não obstante o estado de independência de que já então o professorado gozava. A certa altura a autora diz: "Uma inteligente professora de Santa Fé, escreveu-me: "Desde que a senhora visitou-nos e conheceu as minhas idéias, aqui a vida tornou-se-me insuportável. Vi-me obrigada a pedir minha transferência, o que muito me prejudicou". Cumpru-me frisar que da última vez que Belén de Sarraga por aqui andou (já há bastantes anos) realizou, em um dos teatros de S. Paulo, uma conferência e, a certa altura, apareceu nas galerias uma turma de estudantes de um colégio católico, evidentemente, insuflados por seus professores (eram rapazotes) paços, talvez, apuraram a conferencista e atiraram objetos que, ao espantarem-se expandiam um insuportável mau cheiro.

Enfim, tais acontecimentos já vão um tanto longe e esperamos que não mais venham a repetir-se. Não acha, professor Corção? Acha, sim. Estou certo que, apesar de todos os pesares, também para o senhor, dado o elevado conceito que tem da dignidade humana, repugnaria o fato de que alguém, em consequência de excesso do "pão divino", viesse a comer o pão que o Diabo amassou.

Mesmo com proibições, os trabalhadores não deixavam de comemorar o 1.º de Maio, em recintos fechados e, muitas vezes, em recantos ocultos.

A história do 1.º de Maio registra no Brasil violências de toda ordem, envolvendo prisões de militantes nas vésperas da gloriosa data.

Não podendo evitar essa atitude consciente dos trabalhadores, transformaram o 1.º de Maio num feriado de qualquer, fazendo dêle um dia de festas, com participação de governantes, políticos e pelegos "amarelos" e "vermelhos", promovendo passeatas festivas e reuniões em estádios, com jogos e danças, de mistura com discursaria de profissionais da política.

Ultimamente, como consequência da resistência da parte mais consciente dos trabalhadores, essas palhaçadas foram diminuindo, verificando-se certa tendência para reivindicar-se o verdadeiro caráter do 1.º de Maio.

Isso se verifica principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Dando à data essa tendência, este ano se manifestou de maneira mais positiva. Entretanto, o desvirtuamento e a mistificação ainda não puderam ser evitados.

Em São Paulo foi promovida uma concentração na Praça da Sé com uma mistura de operários, políticos, governantes e os dirigentes clericais.

No Paeambu foi também realiza-

da uma reunião festiva promovida pelo patronato.

Para o Teatro Paramount o proletariado foi convocado para uma concentração com a finalidade de ser comemorada a data com a sua verdadeira significação. Infelizmente, porém, esse comício foi transformado em uma manifestação caracteristicamente política, sendo assenhoreada pelos elementos de determinado partido que se proclama "guia dos trabalhadores".

Em alguns setores, porém, embora em proporções mais modestas, o 1.º de Maio foi melhor comemorado, podendo-se citar o Sindicato dos Trabalhadores em Calçados, que promoveu em sua sede uma conferência a cargo do jornalista Freitas Nobre.

O Centro de Cultura Social também promoveu uma reunião em sua sede, na qual falaram representantes dessa organização, da Aliança Libertária de São Paulo, delegados em São Paulo da Confederação Nacional do Trabalho e da União Geral dos Trabalhadores, ambas da Espanha.

Foi uma proveitosa reunião.

Em São Bernardo, entre outras manifestações, foi prestada homenagem à memória do operário Constantino Castelan, martir sindical textil, que em 1919 tombou na luta por melhores condições de vida, vítima de reação capitalista. Essa homenagem consistiu em uma visita ao cemitério de Vila Assunção, por uma comissão de militantes sindicais e de trabalhadores.

GREVE GERAL EM SANTOS

Fazendo lembrar os velhos tempos anteriores à ditadura getulista, quando o proletariado santista possuía uma consciência social que sempre esteve presente nas lutas pelas reivindicações operárias, os trabalhadores de Santos declararam-se em greve, nos primeiros dias de maio, em solidariedade aos seus companheiros de Cubatão, que sustentavam um movimento grevista para obtenção de melhorias salariais, em face do aumento criminoso do custo da vida que anulou completamente as bases de salários estabelecidas em contrato feito antes que se verificasse a elevação de preços das mercadorias necessárias ao sustento dos trabalhadores e de suas famílias.

Como acontece com todas as categorias, os trabalhadores petroquímicos, que haviam assinado um contrato com a vigência de um ano, em que se estabeleciam normas salariais calculadas para atender às necessidades mínimas de acordo com o custo da vida um pouco antes da concessão do último salário, logo depois se viam a braços com grandes dificuldades para enfrentar o tremendo surto altista de todas as utilidades, principalmente dos gêneros de primeira necessidade.

Os açambarcadores, provocando a alta do custo da vida, anularam todas as perspectivas anteriores calculadas na base dos salários, forçando os trabalhadores a lutar por novos aumentos, nesse jogo do círculo vicioso que sempre existe entre os salários e o custo da vida, de modo a não ser possível ao proletariado estabelecer relativo equilíbrio em seus orçamentos domésticos.

Com o propósito de conseguirem esse relativo equilíbrio, os petroquímicos se lançaram à luta pela con-

quista de um reajustamento que lhes permitisse fazer face às necessidades mais prementes, vendo as suas pretensões rechaçadas pelos empregadores. Surgiu a greve, que logo de início se caracterizou pela prática de violências policiais com o propósito de forçar os trabalhadores a voltar ao trabalho, estabelecendo-se um impasse que dificultava a solução da pendência. E os trabalhadores de Santos, em um significativo gesto de solidariedade e em sinal de protesto contra as violências policiais, se declararam em greve geral, paralisando completamente a vida da cidade.

O LIBERTÁRIO

Diretor:

PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 100,00 Número avulso, Cr\$ 10,00